

TESTEMUNHO

O exemplo constrói, o exemplo destrói.

Do problema da falta de competitividade das empresas já todos ouvimos falar, que temos um índice de produtividade reduzido, que o valor das nossas marcas é baixo, que o alcance mundial dos nossos produtos e serviços é limitado.

Da gravíssima situação demográfica atual e futura, da imensa dificuldade na captação e retenção de recursos, com talento ou até sem, já todos ouvimos falar.

Da falta de tempo para desenvolver pessoas e equipas, desde uma simples reunião, gerir uma negociação, desenvolver um pensamento estratégico ou uma capacidade de decisão fundamentada, já todos sentimos na pele.

O que têm estes macro desafios em comum? Podem ser atacados com uma só bazuca. E não, não é a bazuca do PRR, embora essa possa ajudar, desde que não seja despejando indiscriminadamente dinheiro sobre os problemas. Esse prato já provamos nos anos 80. Refiro-me ao smart investment que é a formação customizada para empresas. Smart porque está ao nível do nano tecnologia. Atua onde tem de atuar, na realidade própria da empresa, das suas pessoas, das suas dores. E a princípio não têm efeitos colaterais. Promessa de cura? Não, nada disso. Promessa de que as empresas não têm de estar sozinhas ao tentar resolver os seus particulares problemas.

E nós sabemos como fazer? Acreditem, somos dos melhores do mundo a saber fazer. Os resultados estão à vista: 5 escolas de formação de executivos no top 75 mundial no ranking do Financial Times em 2023. 5! Sabem quantas têm a Espanha, Itália, Alemanha ou Países Baixos, por exemplo? 4, 3, 3 e 2 respetivamente. Pasmem-se! Mais, a escola que orgulhosamente represento, tem o 5º maior crescimento mundial em formação para empresas. Se isto não é prova de que sabemos fazer, então não sei o que será. A educação executiva nacional alcançou patamares que são “irracionais” considerando a dimensão do país? Não! Este é o nosso lugar natural. Tem de ser o nosso standard. É esta ambição, confiança nas nossas capacidades, nas nossas pessoas, na determinação de olharmos o mundo de frente e senti-lo também como o nosso, que é o lugar natural das empresas e aquilo que as formações executivas têm para oferecer às empresas. E atrevo-me a dizer, não é pouco.

Não haverá certamente uma fórmula mágica que resolva “tudo, em todo o lado, ao mesmo tempo”. Até porque, a seguir a um desafio, surgirão outros, surgirão seguramente outras pessoas, equipas, projetos. Mas conheço poucas alternativas para o chamado cresci-

mento sustentado, que não sejam através da criação de uma cultura de aprendizagem, regularmente nutrida e que alimente um estado permanente de curiosidade por satisfazer, um “abraçar a incerteza”.

E as empresas que tenham os seus recursos comprometidos, com um claro sentido de pertença definido, alinhamento para a superação, terão certamente um maior sucesso. Os momentos de formação, séria e academicamente rigorosa, mas acima de tudo que têm em consideração o DNA da empresa, do sector, e que simultaneamente expõem outras realidades, que provocam um pensamento crítico essencial, mas também a colaboração e a partilha, são momentos inexcusáveis para a criação de uma cultura organizacional. Uma cultura pelo exemplo. E como todos sabemos, o exemplo constrói e o exemplo destrói. Quanto mais não seja pelo exemplo das escolas de formação executiva portuguesas, desafio as empresas a deixarem-se contaminar! E chegaremos longe. Mais longe do que a vista alcança. É esse o nosso lugar natural. ●

PAULO MARTINS

Head of Overall
Market Solutions
do Iscte Executive
Education

